

# Á descoberta das cores: um ensaio de Educação pela Arte

**Raquel Jesus \***

**Ana Simões \*\***

Associação de Proteção à Infância da Ajuda \*

Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Lisboa \*\*

[rql\\_jesus@yahoo.com](mailto:rql_jesus@yahoo.com) \*

[anasimoes@eselx.ipl.pt](mailto:anasimoes@eselx.ipl.pt) \*\*

## Resumo

O presente artigo tem como principal objetivo apresentar o projeto de intervenção desenvolvido no âmbito do estágio curricular (Intervenção em Situações Educativas) do 3.º ano da Licenciatura em Educação Básica. Pretende-se, assim, evidenciar o processo e os resultados obtidos no decorrer do projeto de intervenção realizado, particularmente no que diz respeito à descoberta das cores, por parte das crianças nele envolvidas.

A abordagem pedagógica preconizada no decurso de toda a intervenção foi o da educação através das artes, pelas artes, considerando-a “como as metodologias mais eficazes para se conseguir realizar uma educação mais integral a todos os níveis: afetivo, cognitivo, social e motor” (Sousa, 2003, p.30), correlacionando-a, simultaneamente, com o referencial pedagógico adotado pela instituição – o MEM. Procurou-se, assim, que as expressões artísticas emergissem não só como um instrumento pedagógico facilitador do desenvolvimento das formas expressivas valorizadas pelo MEM (linguagem e cognição), mas como outras linguagens nas formas de representação do saber, do ser, do estar e do sentir de cada criança. Concomitantemente, ao objetivar-se o desenvolvimento de conhecimentos específicos relativos às Artes, estas últimas emergem como objeto de estudo, i.e., como um fim em si.

No que se refere à metodologia adotada, optou-se por uma abordagem qualitativa, numa metodologia de investigação sobre a prática (Ponte, 2002), recorrendo-se a diversas técnicas de recolha de dados: i) observação direta participante; ii) grelhas de observação; iii) registo de observações de carácter naturalista das vozes das crianças e das atividades pedagógicas realizadas.

Os resultados obtidos da análise comparativa das grelhas de observação referentes ao início e final da intervenção revelam que as crianças evoluíram de um padrão cognitivo-comportamental mais acompanhado, para um mais autónomo no respeitante à identificação e nomeação de cores, à criação de constructos relativos ao fenómeno de mistura de cores, bem como ao desenvolvimento de competências pessoais e sociais.

**Palavras-chave:** Educação pela Arte; projeto de intervenção; intervenção em situações educativas

### **Abstract**

This article aims to present the intervention project developed during the traineeship (Intervention in Educational Situations) of the 3rd year of Bachelor's program Elementary Education. Thus, intended to demonstrate the process and the results obtained throughout the intervention, particularly with regard to the discovery of colours, by the children involved.

The pedagogical approach advocated throughout the duration of the intervention was that of education through arts, of the arts, considering it "as the most effective methodologies to achieve a more comprehensive education at all levels: emotional, cognitive, social and motor" (Sousa, 2003, p.30), correlating it simultaneously with the pedagogical referential adopted by the institution - the MEM. The intension being, therefore, that the artistic expressions would emerge not only as facilitating educational instrument of the development of the expressive forms valued by MEM (language and cognition), but as well as other languages in the forms of representation of knowledge, existence being and feeling of each child. At the same time, the aim is the development of specific knowledge of the Arts. These last emerge as an object of study, i.e., as an end in itself.

With regard to the methodology, a qualitative approach was opted with a methodology of investigation about the practice (Bridge, 2002), making use of various data collection techniques: i) direct participant observation; ii) observation grids; iii) observations of the naturalistic character at the children's voices, and educational activities.

The results of the comparative analysis of the observation grids for the beginning and end of the intervention reveal that, children evolved from a more accompanied cognitive-behavioural pattern to, more independent with regards to the identification and colour naming, to the creation of constructs for the phenomenon of colour mixing, as well as the development of other personal and social skills.

**Keywords:** Education through Art; Intervention Project; Intervention in Educational Situations

### **Introdução**

O presente artigo tem como principal objetivo apresentar o projeto de intervenção desenvolvido no âmbito do estágio curricular - Intervenção em Situações Educativas (ISE), do 3.º ano da Licenciatura em Educação Básica (LEB) na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Lisboa. Este estágio curricular teve lugar entre os dias 2 e 13 de março (período de observação) e durante o mês de maio de 2015 (entre os dias 4 e 29), a que

correspondeu o período de desenvolvimento do Projeto de Intervenção. No 2.º semestre do 3.º ano da LEB, são lecionadas um conjunto de unidades curriculares articuladas entre si (Didática da Língua Portuguesa, Didática da Matemática, Didática do Estudo do Meio, Didática das Expressões e da Educação Física), que concorrem para a Intervenção em Situações Educativas (ISE). A unidade curricular Perspetivas Curriculares Integradas (PCI) é uma dessas unidades curriculares, em que os estudantes finalistas concebem, com o apoio dos professores/tutores e dos docentes das outras unidades curriculares, um projeto de intervenção, a partir da Metodologia de Trabalho de Projeto, no sentido de o implementarem junto de um grupo de crianças, num determinado contexto educativo (formal ou não formal), no âmbito de ISE.

A intervenção em situações educativas decorreu numa Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS), por nós denominada de *escola da árvore azul*, localizada na zona ocidental da cidade de Lisboa, junto de um grupo constituído por 11 crianças, da valência de creche, com idades compreendidas entre os dois e três anos. Pretende-se, com o presente artigo, evidenciar o processo e os resultados obtidos no decorrer do projeto de intervenção realizado.

#### **O projeto “À descoberta das cores: um ensaio de Educação pela Arte”: breve contextualização**

Apropriados os princípios da Escola Nova, a *escola da árvore azul* defende o desenvolvimento holístico da criança, tal como expresso no Projeto Educativo de Escola (PEE), em 2014, visando garantir “às crianças um contacto com a cultura e com os instrumentos que lhe vão ser úteis para continuar a aprender ao longo da vida” (p.4), enfatizando, assim, o papel sociocultural no processo de ensino-aprendizagem. Deste modo, a *escola da árvore azul* tem como fomento para a prática pedagógica os saberes da própria criança, a sua cultura e as suas vivências, num processo educativo que considera “um ato dinâmico, interativo e continuado” (Regulamento Interno, 2014, p.3). De forma a operacionalizar tais objetivos, a *escola da árvore azul* adotou como referencial curricular o modelo pedagógico o Movimento da Escola Moderna (MEM). Com raízes nos ideais de Freinet, este modelo possui os seus alicerces em estruturas de cooperação educativa, “promovendo uma cultura de grupo onde cada um é corresponsável pelo percurso de cada elemento” (PEE, 2014, p.14).

No que diz respeito à creche, universo no qual se enquadra o projeto que pretendemos apresentar, o Projeto Educativo de Creche (PEC), dá relevância a “cada situação do quotidiano, de prestação de cuidados básicos de higiene ou alimentação, sem planificação prévia, possa ser sempre um momento de interação entre adulto e criança, em que se estreitam os laços e se fomentam os vínculos afetivos e securizantes” (2014, p.14). Apesar de não se encontrarem nas salas do contexto de creche todos os instrumentos de regulação do grupo, encontrámos os fundamentos do MEM, os seus princípios, não só na sala de atividades, mas principalmente na postura dos profissionais da *escola da árvore azul*.

### **A identificação da problemática.**

Para Silva (2005), “só há projeto se este partir de interesses manifestados pelas crianças” (p. 8). Porém, este não foi um projeto com a sua gênese nos interesses das crianças, na medida em que partiu de uma fragilidade por nós constatada e patente no Projeto Pedagógico de Sala (PPS), sendo, portanto, uma das intenções/preocupações da educadora cooperante.

Tendo em consideração a caracterização do grupo, as intencionalidades da educadora cooperante, patentes não só no PPS, mas nas suas preocupações, e os interesses e necessidades das crianças, identificámos como maior fragilidade do grupo a aquisição e o desenvolvimento de competências pessoais e sociais. Entre a dependência dos adultos de referência para qualquer atividade/tarefa (desde as que conseguem já desempenhar autonomamente, às que necessitam efetivamente do auxílio destes), a mudança de espaços como uma vivência dolorosa para alguns elementos do grupo ou os comportamentos característicos de crianças neste grupo etário, relacionados com a partilha de objetos, a pequena capacidade de resiliência, foram algumas das fragilidades observadas. Dentro das identificadas, seleccionámos uma que, no nosso entender, permite uma abordagem integrada das restantes áreas e que emerge como facilitadora de aprendizagens significantes para as crianças.

Para além de constante no PPS, a referida fragilidade foi identificada aquando uma atividade de pintura, proposta pela educadora cooperante, em que as crianças deveriam fazer o retrato do pai. Num dos dias em que decorreu esta atividade, ficámos responsáveis de apoiar as crianças no decurso da tarefa, facto que nos permitiu conhecer o que sabiam as crianças sobre as cores, observar o manuseamento do material e avaliar outras questões sobre o que pintavam e como o faziam. Quando questionadas sobre que cor queriam utilizar, verificámos que algumas das crianças apontavam para determinada cor, dizendo “Esta!”, ou nomeavam, trocando, contudo, a cor correspondente. Propusemos, por conseguinte, uma viagem à descoberta das cores.

Perspetivando uma articulação da nossa intervenção com as intencionalidades da educadora, de forma cooperada, elegemos como problemática do projeto de intervenção a desenvolver o estudo da cor, pois entendemos que o domínio das expressões se consubstancia não só como objetivo a atingir, mas também como instrumento para uma abordagem transversal com os outros domínios do saber.

### **A educação através das artes, pelas artes: uma abordagem pedagógica.**

A abordagem pedagógica preconizada no decurso de toda a intervenção foi o da educação através das artes, pelas artes, considerando-a “como as metodologias mais eficazes para se conseguir realizar uma educação mais integral a todos os níveis: afetivo, cognitivo, social e motor” (Sousa, 2003, p.30), correlacionando-a, simultaneamente, com o referencial pedagógico adotado pela instituição, o MEM. Visámos, por isso, que as atividades pedagógicas se desenvolvessem por meio de um projeto onde a cor se constituísse objeto e ferramenta, simultaneamente, e onde as expressões artísticas fossem fortemente utilizadas pelas crianças

como formas de representação do saber, do ser e do estar, dotando-as de mais linguagens, indo ao encontro do modelo de Reggio Emilia. Procurámos, assim, que esta abordagem fosse transversal a outras áreas do saber, já que perspetivamos uma abordagem holística no que respeita ao desenvolvimento da criança, pois, como expressa Parsons (2005), as crianças “não aprendem em parcelas de conhecimento separadas e desconetadas” (p.296). Deste modo e porque a problemática, por nós elegida, serviu o propósito, procurámos articular o estudo da cor com atividades que promovessem o desenvolvimento linguístico (aquisição de novo vocabulário, melhoria na articulação das palavras, etc.), o cognitivo, bem como o desenvolvimento de competências como a autoconfiança, resiliência, entre outras, já que “a expressão deve ser entendida tanto de modo cognitivo como afetivo” (Parsons, 2005, p.304).

Com estes pressupostos em consideração, delineámos como objetivos gerais do projeto de intervenção realizado os abaixo enunciados:

- Desenvolver competências a nível social e pessoal;
- Desenvolver competências relacionadas com as várias áreas do conhecimento;
- Estimular o conhecimento no que respeita ao estudo da cor;
- Desenvolver competências ao nível da identificação e nomeação de cores;
- Operacionalizar uma abordagem de Educação pela Arte.

Procurou-se, assim, que as expressões artísticas emergissem não só como um instrumento pedagógico facilitador do desenvolvimento das formas expressivas valorizadas pelo MEM (linguagem e cognição), mas como outras linguagens nas formas de representação do saber, do ser, do estar e do sentir de cada criança.

### **O percurso metodológico e a ética na investigação com crianças.**

É consensual atribuir-se à metodologia um papel de relevância em qualquer pesquisa. Poderemos entender o método como um conjunto de princípios que orientam o investigador, no decurso da sua pesquisa, que findam por assegurar a validade do conhecimento recém-descoberto. Deve, assim, ter-se em consideração a natureza do objeto de estudo na opção de uma metodologia. Por essa razão, optámos por uma abordagem de natureza qualitativa, dado que esta metodologia efetiva-se, de acordo com Stake (2009), na compreensão, descrição pormenorizada e contextualizada de um determinado objeto de estudo (indivíduo, projeto, programa) e sua complexidade interrelacional, confirmando hipóteses formuladas ou produzindo novos conhecimentos, relativos ao campo-problema enunciado. Adotámos uma metodologia de *investigação sobre a prática* (Ponte, 2002), em que “a investigação sobre a sua prática é, por consequência, um processo fundamental de construção do conhecimento sobre essa mesma prática.” (p.3).

Recorremos a diversas técnicas de recolha de dados: i) entrevista semiestruturada à Diretora Pedagógica da *Escola da árvore azul*; ii) observação direta participante; iii) grelhas de

observação e iv) registo de observações de carácter naturalista das vozes das crianças e das atividades pedagógicas realizadas. Stake (2009) refere que a pesquisa e recolha de dados constitui o ponto de partida, a fase inicial de um estudo, no qual o investigador recorre à panóplia de técnicas empíricas de que dispõe (observação naturalista, entrevista), fundamentada essencialmente no trabalho de campo, e finda por fornecer os parâmetros orientadores das restantes etapas, como é o caso da interpretação e análise da informação recolhida.

A entrevista semiestruturada à Diretora Pedagógica da *Escola da árvore azul* permitiu esclarecer algumas questões relativas ao funcionamento interno da instituição, nomeadamente caracterizar o entrevistado, caracterizar o projeto educativo e sua operacionalização e caracterizar a dinâmica da equipa pedagógica, possibilitando, assim, melhor caracterizar a *Escola da árvore azul* escola, bem como os seus atores intervenientes. No que se refere à observação direta participante, esta facilitou, não só um levantamento dos conhecimentos prévios das crianças, a partir dos quais se procedeu à identificação das suas necessidades e interesses, consubstanciando-se na caracterização do contexto, mas também a averiguação dos processos de aprendizagem das crianças, dos processos cognitivos mobilizados e a constatação de que não há apenas um estilo de aprendizagem, pelo que quanto mais e diversificados os estímulos, melhor assimiladas são as aprendizagens e mais facilmente estas são generalizadas.

Quanto ao registo e análise dos dados, tendo em conta a abordagem selecionada, privilegiámos o registo naturalista, valorizando os processos de aprendizagem específicos de cada indivíduo do grupo, considerando a progressão de uma fase mais apoiada para uma mais autónoma. O foco incide no modo como estes são operacionalizados, destacando, conseqüentemente, os processos de aprendizagem, o que concorre diretamente com um dos objetivos gerais a que nos propusemos, a operacionalização de uma abordagem de Educação pela Arte.

Porque trabalhamos em educação de infância, neste caso, com crianças pequenas, considerámos fundamental não descurar a ética na investigação com crianças, ancoradas em Fernandes e Tomás (2011), quando considerámos cada criança um “agente social competente, (...) produtora de cultura própria, com formas de interpretar o mundo, de agir e de pensar e de sentir e (...) capaz de discursar acerca da sua acção e de a representar de diferentes formas (as linguagens múltiplas das crianças).” (pp.2-3).

### **O desenvolvimento do Projeto.**

Na génese do projeto de intervenção, resultante do período de observação, realizado no mês de março, em que nos foi facilitado o conhecimento das rotinas do grupo e da instituição, as formas de trabalho das crianças, os seus interesses, motivações e necessidades e, a partir do qual se identificaram as potencialidades e as fragilidades do grupo, produzindo-se um diagnóstico do mesmo, elaborámos, posteriormente, uma planificação na qual constavam todas as atividades e intervenções que nos propusemos realizar, com o propósito primeiro de desenvolver os objetivos gerais do projeto. Essa planificação foi conceptualizada de forma a

conter todas as fases da metodologia do trabalho de projeto, i.e., (i) Negociação e Planeamento; (ii) Implementação; (iii) Avaliação e Divulgação (Vasconcelos, 2009), procurando-se, concomitantemente, adaptá-la ao contexto de intervenção – um grupo de crianças em contexto de creche.

### As atividades realizadas.

Na primeira semana procurámos, numa primeira fase, introduzir o tema do projeto e efetivar a negociação e planeamento do mesmo com as crianças e, numa segunda, fase iniciar a implementação. Por conseguinte, a primeira atividade planificada visava a introdução do tema do projeto, tendo sido efetivado com o recurso a um indutor, um livro<sup>20</sup>.



Figura 1. O livro, o recurso indutor do tema do projeto.

A fase de negociação e o planeamento do projeto com as crianças, conducente do conto da história, foi por nós operacionalizada com a atividade de elaboração de um recado aos pais. Aqui, através do diálogo em grande grupo, procurámos trabalhar os pré-requisitos para o desenvolvimento de um trabalho cooperativo, efetivando-se o estabelecimento de como iríamos organizar o estudo sobre as cores. A semana de 11 a 15 de maio correspondeu à preparação e concretização da atividade de classificação e categorização dos objetos. Esta materializou-se pela proposta de realização de três pinturas, com as cores intervenientes no recurso indutor, o livro a que as crianças chamaram a “*História das bolinhas*”, que viriam a ser, posteriormente, utilizadas na atividade do dia 13 de maio, ao desafiar as crianças a classificarem os objetos que haviam trazido de casa. Procurámos, como previsto, promover um momento de partilha dos objetos entre crianças, no início da atividade, uma vez que as crianças deste grupo etário possuem uma relação objetual muito forte.

<sup>20</sup> Tullet, H. (2010). *Um Livro*. Lisboa: Edicore Editora.



Figura 2. Classificação e Categorização dos objetos das e pelas crianças.

No final da segunda semana, procedemos ao conto da história “Pequeno Azul e Pequeno Amarelo”, de Leo Lionni<sup>21</sup>, com o recurso a um retroprojetor e, conseqüentemente, simulando um “ambiente de cinema”. Proporcionámos, ainda, às crianças um momento para a exploração de cores, transparências, luz e sombra, no retroprojetor.



Figura 3. Conto da história *Pequeno Azul e Pequeno Amarelo*.

Na terceira semana, tínhamos como primeira atividade calendarizada, o reconto da história “Pequeno Azul e Pequeno Amarelo”, em que as crianças, com o nosso auxílio e o da educadora, reconstruíram a sequencialidade da história, enfatizando os seus momentos significativos. Na quarta e última semana, entre 25 e 29 de maio, dedicámo-nos à finalização, avaliação e divulgação do projeto. Com a atividade de degustação de alguns dos alimentos

<sup>21</sup> Lionni, L. (2006). *Pequeno Azul e Pequeno Amarelo*. Lisboa: Kalandraka Editora.

adquiridos na visita ao Mercado da freguesia, com a exploração das suas características – cor, sabor, aspeto, etc., e consequente experimentação de se “os alimentos também pintam”, procedemos ao encerramento da fase de implementação do projeto.



Figuras 4 e 5. Visita ao Mercado da Freguesia: “os alimentos também pintam”!

Acrescentamos, ainda, que entendemos que ocorresse a derradeira etapa pela qual um projeto deve passar, isto é, a comunicação/divulgação do projeto, pois consideramos que as aprendizagens e os conhecimentos adquiridos pelas crianças deveriam ser “partilhados, ampliados e motivarem futuros trabalhos” (Folque, 2014, p. 365), ainda que não houvesse um produto final propriamente dito, visto privilegiarmos os processos pelos quais se passou para atingir os objetivos estipulados. Por conseguinte, a atividade contemplada para o último dia desta semana e da nossa intervenção visava a partilha dos constructos com a outra sala de 2 anos, sob a forma de uma Comunicação, efetuada pelas crianças. Com o intuito de efetivarmos uma apreciação global das aprendizagens efetuadas pelas crianças no decurso do projeto, a atividade do *Jogo das Cores* operacionalizou-se com cada uma das crianças a colocar um dos cartões (imagens dos objetos das crianças e dos alimentos adquiridos no Mercado) retirados de um saco no respetivo pedaço de tabuleiro, explicitando o porquê de tal ação, i.e., qual o critério de classificação mobilizado e enunciando a sua cor, por exemplo.



Figura 6. Jogo das Cores: avaliação final das aprendizagens das crianças.

#### **A avaliação do Projeto de Intervenção: principais resultados e conclusões.**

Também a avaliação se desenvolveu de forma integrada no próprio processo de desenvolvimento da aprendizagem, todavia de forma mais acentuada. Consistiu, por conseguinte, em “documentar o processo desenvolvido e as aprendizagens realizadas” (Silva, 2005, p. 16). Desta forma, para cada uma das atividades realizadas, constituímos indicadores de avaliação, tendo sempre em consideração os objetivos específicos delineados, conducentes dos objetivos gerais que nos propúnhamos alcançar. As grelhas de avaliação das aprendizagens das crianças, não só nos permitiram ter uma visão geral sobre o comportamento do grupo e sobre os conhecimentos adquiridos, como possibilitaram avaliar o nível de competências de cada uma das crianças e, com a constatação de que algumas já haviam adquirido algumas delas, mobilizar essas aprendizagens para o desenvolvimento de competências na generalidade do grupo, funcionando “como instrumentos de mediação na construção de significados” (Folque, 2014, p.67). Foi com base nestes indicadores que edificámos a avaliação final do projeto, em que optámos por uma abordagem qualitativa na análise das respetivas grelhas.

Ao preconizarmos que este projeto incorporaria uma abordagem integrativa e holística da educação pela arte, era de grande pertinência que as atividades planeadas facilitassem a emergência e a mobilização de outros conteúdos. Por conseguinte, foi oferecida a oportunidade às crianças de se expressarem verbalmente e organizar os acontecimentos em etapas, estruturando o seu pensamento, ao promover sínteses após a realização das atividades e o seu consequente registo. No âmbito cognitivo, foi explorada, no domínio da Matemática, a comparação de uma grandeza, o tamanho, que as crianças facilmente apreenderam, e os conceitos de sentido de número e de cardinalidade, que, embora, não contemplados para esta atividade, emergiram, conducentes da necessidade de partilha dos pincéis. Aqui, é digno de relevância a postura que assumimos, quando estimulamos a criança a apresentar uma nova estratégia, a partir de um exemplo nosso. A emergência de estratégias no indivíduo facilitou a sua devolução ao grupo, no sentido de partilha e de construção de conhecimento.

O facto de termos optado maioritariamente, pela modalidade de trabalho em grande grupo, fomentou a interação entre crianças, a promoção de atitudes cooperativas e de entre ajuda, indo ao encontro da consciencialização e do relacionamento com outro, favorecendo o desenvolvimento de competências pessoais e sociais. Ainda, a análise das grelhas de observação de participação nas atividades indica-nos que, na generalidade, as crianças desenvolveram um padrão comportamental mais autónomo e participativo no decurso do projeto, enriquecendo-o, por exemplo, com ideias e constatações. No respeitante ao objetivo geral em que possuíamos como intuito que as crianças desenvolvessem o sentido da cor, conseguindo-as identificar e/ou nomear, consideramos que foi totalmente alcançado, já que a análise das grelhas referentes ao final da intervenção a maioria das crianças o consegue realizar de forma autónoma.

Consideramos que a forma como este projeto foi operacionalizado, i.e., com o recurso a atividades lúdicas, com a criação de *settings* significativos, fazendo uso da criatividade no ato promotor de aprendizagens, propiciou a emergência de momentos realmente significativos para as crianças. Por outro lado, a nossa capacidade de empatizar com a criança e os atos educativos por nós protagonizados, que em tudo refletiram os seus interesses e necessidades, conduziu-nos à adoção de uma postura pedagógica, que finda por ser inata e extremamente natural, e, conseqüentemente, à edificação do supramencionado *setting*, no qual a criança se reconheceu e se sentiu, desafiada e não manipulada, mas livre para explorar ativamente, apropriando-se dele, à semelhança do preconizado por Dewey. Cremos, portanto, que o nosso projeto de intervenção se arroga como exemplo de que a Educação pela Arte é possível, é essencial e exequível e que se constitui como uma ferramenta determinante para o desenvolvimento profícuo do que consideramos ser “uma verdadeira educação”, pois como expressa Parsons (2005), “o método de projeto é, em geral, uma resposta aos modos de a criança pequena explorar o mundo e, ao mesmo tempo, desenvolver maneiras de expressar seus pensamentos ‘numa centena de linguagens’, como diz Reggio Emilia”. (p.304).

### **As vozes das crianças**

Assumindo a conceção de que as crianças são “atores sociais plenos, competentes, ativos e com ‘voz’” (Tomás, 2007, p.45), consideramos pertinente a inclusão destas vozes, promulgando as suas aprendizagens no decurso deste projeto. Aqui ficam, assim, algumas delas:

- “Põe-se o chapéu da Me ali [na folha amarela] porque essa cor é igual ao amarelo”. (M1);
- “Então, o azul encontrou o amarelo... E deram um abraço! E ficaram verdes.” (crianças).

### **Referências**

- Fernandes, N. & Tomás, C. (2011). *Questões conceituais, metodológicas e éticas na investigação com crianças em Portugal*. Apresentação na 10TH CONFERENCE OF THE EUROPEAN SOCIOLOGICAL ASSOCIATION. Amsterdam.

- Folque, M.A. (2014). *O Aprender a Aprender no Pré-Escolar: O Modelo Pedagógico do Movimento da Escola Moderna*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Parsons, M. (2005). Currículo, arte e cognição integrados. Em A. M. Barbosa (Org.). *Arte/Educação Contemporânea: Consonâncias Internacionais* (pp. 295-317). São Paulo: Cortez Editora.
- Ponte, J. P. (2002). Investigar a nossa própria prática. Em GTI (Org). *Reflectir e investigar sobre a prática profissional* (pp. 5-28). Lisboa: APM.
- Silva, M. (2005). O projecto como “projectil” não identificado. Em *Actas do 2.º Encontro de Educadores de Infância e Professores do 1.º ciclo* (1-17). Porto: Areal Editores.
- Sousa, A. (2003). *Educação Pela Arte e Artes na Educação*. 1º Volume. Bases Psicopedagógicas. Lisboa: Instituto Piaget.
- Stake, R. (2009). *A Arte da Investigação com Estudos de Caso*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Tomás, C. (2007). “Participação não tem idade”. Participação das crianças e cidadania da infância. *Contexto & Educação*, 78, 45-68.
- Vasconcelos, T. (2009). *Prática Pedagógica Sustentada: Cruzamento de Saberes e de Competências*. Lisboa: Edições Colibri / Instituto Politécnico de Lisboa.

**Bibliografia referente aos objetos de estudo utilizados na intervenção direta com as crianças:**

- Lionni, L. (2006). *Pequeno Azul e Pequeno Amarelo*. Lisboa: Kalandraga Editora.
- Tullet, H. (2010). *Um Livro*. Lisboa: Edicare Editora.

**Documentos institucionais consultados:**

- Projeto Educativo de Escola (2014). Documento fotocopiado.
- Projeto Educativo de Creche (2014). Documento consultado na Instituição em março de 2015.
- Projeto Pedagógico de Sala (2014). Documento fotocopiado.